

Artes e

para percebermos a importância de certos aspectos da actual panorâmica poética e o papel que cabe, dentro dela, ao grupo da «Poesia Nova», de que é co-director e grande animador. Poeta de magnífico ineformismo, aliado a uma sensibilidade muito viva, não atenta às realidades naturais como se sobressaísse. Amândio César publicou recentemente mais um volume de versos — «Saudade de Pedras» — a que o nosso crítico literário oportunamente se referirá. Parece-nos interessante conhecê-lo, na altura em que «Poesia Nova» se apresenta de novo ao público com um vasto plano de realizações:

— Fala-se de uma nova série de «Poesia Nova». Em que se distingue da primitiva?

— Qualquer capítulo de navio terá o ponto, onde e quando julgar necessário. Ora os impulsionadores de «Poesia Nova» decidiram tirar o ponto no destino, não a meio do caminho, verificaram, sem dificuldade, que não havia muito de aproveitável, havia também muita ganga que se tornava urgente deitar fora. Isso, aliás, começou a ser feito há muito tempo. Mas, certamente, não foi o bastante.

— Entretanto, muito lhe devem os que vieram depois. «Poesia Nova», na sua 1.ª série, constituiu um belo movimento de reacção. Ainda andavam embalsamados todos com o neo-realismo (com o neo-realismo, na feição peculiar portuguesa, claro) e os poetas de novo movimento marcaram uma posição reaccionária (!) do outro lado. Não digo contra, nem direi contra, pois não nunca fomos contra disto ou daquilo. Mas fomos muito, mesmo muito «a favor». E a resultante, com todos os defeitos (vá lá a pitada de Tomimio...) — «acontecemos» — não morreu, nem foi em vão.

— Apareceram a disputar um lugar, para a arte sem partido, para a arte acima do partido. E todos nós fomos superiores a esse autêntico complexo. Não usámos mais a estandarte — para quê? Soubemos estar de braços abertos, muito francamente, e até nós vieram muitos, que hoje seriam apóstolos de um novo messianismo. Mas, Poesia Nova, não dominou a arte. «Mas tirámos o ponto. O que nos pareceu estar errado exigia supressão. E só o poderia ser numa segunda série...»

— Foi muito engraçado com um livro de Azinhal Abelho, não é assim?

— A segunda série de «Poesia Nova» tem já, nas livrarias, o seu primeiro

UM INQUÉRITO DO «DIÁRIO POPULAR»

O PROF. DELFIM SANTOS

DEFINE UMA POSIÇÃO FILOSÓFICA PERANTE A LITERATURA E A ARTE

EM QUE ESTA É CONCEBIDA COMO «ARTE PELO HOMEM E PARA O HOMEM»

O inquérito que o «Diário Popular» já há semanas anunciara, friso em que passará à inteligência portuguesa contemporânea, inicia-se hoje com a resposta do prof. Delfim Santos, ensaísta e pensador dos mais notáveis, nosso prezado colaborador. A apreciação justa do ilustre escritor e catedrático submetemos o seguinte questionário:

1.º — Acha que a literatura deste meio-século tem características próprias que a distingam e imponham? No caso de resposta positiva, quais são?

2.º — Qual lhe parece o movimento português de maior repercussão neste meio-século — o da Águia, o do Orpheu, o da Presença, e do Nosso Cancioneiro ou qualquer outro?

3.º — Qual dos géneros — poesia, romance, crítica, teatro, conto — considera mais florecente neste período das nossas letras?

4.º — Teria a literatura portuguesa acompanhado, durante estes cinquenta anos, a evolução das literaturas estrangeiras? E qual a expressão da sua evolução?

5.º — Qual lhe parece preferível — a arte pela arte ou «arte pela sociedade»?

6.º — Qual seria, em sua opinião, a orientação da literatura dos próximos anos? Progresso ou decadência?

dependentes, em certa medida, das literaturas dos grandes.

Ainda se nos afigura particularmente justa a observação do prof. Delfim Santos sobre o último ponto do nosso inquérito. E, de facto, tema de discussão se existe decadência e progresso em literatura.

O autor da Temática existencial afirma que a literatura é muitas vezes, ao mesmo tempo, progresso e decadência, na medida em que o próprio homem é simultaneamente uma coisa e outra relativamente aos seus meios e aspirações.

Testemunho penetrante, o depoimento do prof. Delfim Santos dá bem a medida da largueza da sua inteligência e da penetração da sua cultura.

A literatura é um fenómeno de criação individual

Diz-nos o ilustre professor: Após a relectura dos quesitos que constituem o inquérito, sentimos a dificuldade em responder satisfatoriamente a todos eles por razões que não nos parece importante designar e ainda por outras de estrito valor preferencial que também, neste caso, não interessa exprimir. Julgamos que uma literatura, no decurso de cinquenta anos, não manifeste características próprias, não é realmente literatura. Ora, não é o caso da literatura portuguesa em que, como aliás em qualquer outra, as características não são sua própria criação, mas legado do seu autor. E sendo obra humana não nos parece possível determinar rigorosa e validamente características gerais. A literatura é fenómeno de

«CONCEPÇÃO ROMANTICA DA ESPANHA»

POR OSÓRIO DE OLIVEIRA

O nosso prezado colaborador José Osório de Oliveira acaba de publicar, com o título «Concepção Romântica da Espanha», a conferência que, sob aquele tema, recentemente realizou em Malaga, a convite do «Consejo Superior de Investigaciones Científicas».

Osório de Oliveira, que é um dos mais brilhantes e cultos espíritos da sua geração, examina, com especial autoridade, o que podemos chamar «a lenda literária» da Espanha, criada, sobretudo, por escritores franceses, um pouco segundo a imaginação de cada qual, nem sempre próxima da verdade espanhola, aliás complexa e múltipla.

Essa lenda, e as realidades que lhe deram origem, estuda-as Osório de Oliveira, numa síntese feliz, e em relação, principalmente, à nossa literatura sobre o tema, ao nosso «diálogo» com o país vizinho e irmão, desde Garcetti a Sardinha, antecediendo o texto da interessante palestra de dois expressivos artigos sobre aspectos do mesmo assunto, publicados no «Diário Popular», que muito concorrem para que o leitor o possa dominar.

QUE É O MOVIMENTO «POESIA NOVA»

SEGUNDO O POETA AMÂNDIO CÉSAR

Amândio César — um dos valores autênticos das novas gerações e nosso prezado colaborador — depois de nas colunas do «Diário Popular» sobre certos aspectos da actual panorâmica poética e o papel que cabe, dentro dela, ao grupo da «Poesia Nova», de que é co-director e grande animador. Poeta de magnífico ineformismo, aliado a uma sensibilidade muito viva, não atenta às realidades naturais como se sobressaísse. Amândio César publicou recentemente mais um volume de versos — «Saudade de Pedras» — a que o nosso crítico literário oportunamente se referirá. Parece-nos interessante conhecê-lo, na altura em que «Poesia Nova» se apresenta de novo ao público com um vasto plano de realizações:

— Fala-se de uma nova série de «Poesia Nova». Em que se distingue da primitiva?

— Qualquer capítulo de navio terá o ponto, onde e quando julgar necessário. Ora os impulsionadores de «Poesia Nova» decidiram tirar o ponto no destino, não a meio do caminho, verificaram, sem dificuldade, que não havia muito de aproveitável, havia também muita ganga que se tornava urgente deitar fora. Isso, aliás, começou a ser feito há muito tempo. Mas, certamente, não foi o bastante.

— Entretanto, muito lhe devem os que vieram depois. «Poesia Nova», na sua 1.ª série, constituiu um belo movimento de reacção. Ainda andavam embalsamados todos com o neo-realismo (com o neo-realismo, na feição peculiar portuguesa, claro) e os poetas de novo movimento marcaram uma posição reaccionária (!) do outro lado. Não digo contra, nem direi contra, pois não nunca fomos contra disto ou daquilo. Mas fomos muito, mesmo muito «a favor». E a resultante, com todos os defeitos (vá lá a pitada de Tomimio...) — «acontecemos» — não morreu, nem foi em vão.

— Apareceram a disputar um lugar, para a arte sem partido, para a arte acima do partido. E todos nós fomos superiores a esse autêntico complexo. Não usámos mais a estandarte — para quê? Soubemos estar de braços abertos, muito francamente, e até nós vieram muitos, que hoje seriam apóstolos de um novo messianismo. Mas, Poesia Nova, não dominou a arte. «Mas tirámos o ponto. O que nos pareceu estar errado exigia supressão. E só o poderia ser numa segunda série...»

— Foi muito engraçado com um livro de Azinhal Abelho, não é assim?

— A segunda série de «Poesia Nova» tem já, nas livrarias, o seu primeiro



Amândio César

volumos, que é, efectivamente, a autoria de Azinhal Abelho. Um livro de «qualidade», sob todos os aspectos — incluindo a apresentação gráfica. Não poderíamos desejar melhor reacção de actividade editorial. E a série continuará em ritmo seguro. Miguel Trigueiros, Duarte de Montalegre, Cruz Pontes, Carlos Cunha (ex-Neo-Realista), Agora, convertido à Igreja Católica, e outros, têm as suas obras preparadas.

(Continua na 10.ª pág.)

DA COR DO TEMPO...

Somos, paradoxalmente, uma terra de melindres e de insensibilidade, crentes que deveriam ser antagónicas, tanto a segunda havia de constituir a reacção contra a primeira.

Na nossa portuguesa — quase limitada, contudo, à vida dos grandes cidadãos — melindres e insensibilidade amalgamam-se, e do facto resulta um inóportuno e agriamente ambiente ao mesmo tempo abrangendo e seccionado, por manutenção, a t-a-q-u-e, correspondência, os mais radicais subjectivismos dominam, por vezes, a planos inconcebíveis, ou incoerentes.

De si o não existir, entre nós, verdadeira crítica, ou o não poder existir, no sentido construtivo da palavra, que é fundada hoje, quase geralmente, por manutenção, a t-a-q-u-e, correspondência, os mais radicais subjectivismos dominam, por vezes, a planos inconcebíveis, ou incoerentes.

Ainda há escoteiros diários, mas não há — embora com id volta e resposta melindres — o propósito de um modesto artigo que, dilato por elementares e tentas razões de simples culto do património nacional, tem contudo a sorte, a procura sorte, de desvirtuadamente logo desprezar as necessidades, ineluctavelmente individuais.

Na verdade, pretendem-se, exclusivamente, proceder em prol do Bem do comum, como era uso dizer-se, ou a Bem do país, como era o uso de há pouco, todavia, quem quizesse ver, no caso, intuitos tão distantes da realidade como o edico voadora da pedra lançada.

— Foi pouco alguns me não declararam antiericolas, o que fez sorrir a minha Fé crida, menos apoiada no cumprimento mecânico das missas do que ao humilde fervor dos sentimentos profundos, sem fechadas mudanças. Outros, acharam que era coisa menos convenientemente, no sentido nacional, o que também me fez sorrir, ao recordar, com saudades, certos artigos, críticos de jornal, em que, em 1916, eu adoptei um regime de corporações, nunca atitude que, então, custava algumas brechas sangrentas, dissabores, e até, maiores riscos. Nada cómoda então, mas pura e ideal.

Porém, nada me deturba. Até porque não sei descrever de colectivo por força, ou falência, do indivíduo, momentaneamente quando este seja de monta que não tem peso na matéria, e quando, mesmo tempo, me sinto acompanhado no abom combate por alguns altos espíritos, a que fiquei devido preciosas palavras, ou, ainda, quando posso apreciar as belas palavras, e quando, no fim, pronunciação, a Assembleia Nacional, acerca de idéntico problema de Bibliotecas e Arquivos — no cuidado, afinal, de mesma causa.

Não há, pois, que dar atenção a validades ou susceptibilidades feridas — tanto mais que nunca se pensou em focar-lhes, tão pouco interessantes, o caso.

Aplica-se em nítida defesa do dos cidadãos português, com perfeita clareza de propósito, e aligeirada, portanto, a quaisquer outros portamentos, de pessoas ou entidades.

Assim, o leitor compreende, por certo, o que de direito lhe compete, superiormente, pelo nosso património. E tanto basta, sobretudo nesta quadra, paucal, em que a indignação, sempre crida, é sobretudo indicada.

CANTO DO BRASIL

LÁGRIMAS

Como um rio que subisse
Impellido por impulso desconhecido
Retornam as tuas lágrimas um caminho novo.

Sobem-me nos olhos as tuas lágrimas.
Molham-me as mãos, doces, agora, no meu ser.

Oh! essas lágrimas obscuras, essas lágrimas antigas...
Revejo-te chorando, nas portas do tempo.
Revejo-te debruçada sobre um seio murcho,
Sobre um ser cansado;
Revejo-te no teu moreno esplendor, curvada sobre um coração antigo
E sobre ele jogando as tuas lágrimas inquietas.
Choravas a decisão a tomar, o mistério da vida desabrochando.
O encontro inexplicável.
E te abrigavas num velho ser, como um barco frágil,
Num porto remoto com as suas luzes desmaiadas.

Choravas o destino que se ia desvendar
Diante de um destino que se cumprira.

Nunca, passe o tempo mais longo sobre essas lágrimas,
Nunca se esquececi,
Nunca te esquececi
Método de lágrimas como uma flor na madrugada,
Húmida de lágrimas, dessas mesmas lágrimas
Que me voltam à memória porque tudo retorna neste instante,
Os pássaros velhos aos ninhos,
A inocência ao seco espírito deserto,
E o calor no coração que gelara
Nos frios, nas longas, nas solitárias estradas deste mundo.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

(Continua na 10.ª pág.)

(Continua na 10.ª pág.)

